

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

**A ESCOLA TEM RESPONSABILIDADE PELOS MASSACRES
ESCOLARES?**

Nathalia Mansour de Oliveira – UEL
nathaliamansour@gmail.com

Eixo 8: Educação e Política

Resumo

O presente estudo busca investigar quais as responsabilidades da instituição escolar por “massacres escolares”. A hipótese é de que os “massacres escolares” constituem uma resposta à violência produzida pela instituição escolar. Isto é, a violência institucional manifestada, por exemplo, pelo poder disciplinar pode estar afetando os indivíduos que passam pela instituição de tal modo que alguns acabam cometendo atos de revanche contra a escola através de massacres. Longe de desconsiderar a complexidade das motivações dos massacres escolares, a presente pesquisa não pretende reduzir a explicação das tragédias à violência escolar, mas entender a mesma como uma de suas causas.

Palavras-chave: Escola; Violência; Massacre.

Introdução

O cotidiano das instituições escolares tem sido marcado por violência. É possível classificar a violência escolar em três níveis, a saber, 1) a violência que engloba ataques físicos, roubos, vandalismos e violência sexual; 2) as incivildades que podem se manifestar em humilhações, desrespeito e ataques verbais e 3) a violência institucional que abrange a falta de sentido em permanecer na escola durante anos, o ensino como um desprazer, as relações de poder entre professores e estudantes e a negação das diferentes identidades (CHARLOT apud ABRAMOVAY, 2003). As várias formas de violência criam um ambiente escolar hostil que não comporta a construção de um processo de ensino-aprendizagem eficaz e, além disso, pode contribuir com a construção de pessoas capazes de cometer atos bárbaros como os “massacres escolares” (ALVES, 2010). Nesse sentido, uma efetiva compreensão dos casos de “massacres escolares” deve partir da análise das práticas institucionais que não têm acompanhado algumas demandas sociais, como os direitos à diferença, e, em decorrência, têm cometido violência contra

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS
aqueles que não se encaixam nas normas postas pela instituição (ALVES, 2010).

Deste modo, o que se pretende com o presente estudo é investigar quais as responsabilidades da instituição escolar por “massacres escolares”. Em outras palavras, o intuito é analisar de que maneira a escola enquanto produtora de violência (GUIMARÃES, 1999) pode influenciar na ocorrência de tais tragédias. Longe de desconsiderar as diferentes variáveis que envolvem a ocorrência de “massacres escolares”, o intuito da pesquisa não é atribuir totalmente à escola a responsabilidade pelos massacres, mas sim compreender de que modo as suas práticas institucionais podem motivar atos de revanche. A hipótese que motiva a presente investigação é a de que os “massacres escolares” constituem uma resposta à violência produzida pela instituição escolar.

Metodologia

Para responder às questões que se colocam sobre o tema, foi feita uma revisão da bibliografia disponível e uma pesquisa documental por meio dos registros oficiais existentes. Antônio Gil explica que a pesquisa documental é feita em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que receberam, mas podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 2008).

De acordo com o autor, existem duas categorias de documentos. De um lado, há os chamados documentos “de primeira mão”, isto é, aqueles que ainda não foram tratados analiticamente. Nesta categoria se enquadram os documentos conservados em arquivos de órgãos e instituições - públicas ou privadas. A categoria também abrange documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, regulamentos, ofícios, boletins, entre outros.

De outro lado, há os chamados documentos “de segunda mão”, que, de alguma forma, já foram analisados. Aqui estão contidos, por exemplo, os relatórios de pesquisa, os dados estatísticos e todos os demais materiais que já são de domínio científico (GIL, 2008). Foi feito, portanto, um levantamento bibliográfico sobre o tema e, além disso, foram analisados

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

documentos - cartas e vídeos - deixados por Wellington Menezes de Oliveira, autor do “Massacre de Realengo” a fim de identificar se as motivações dos “massacres escolares” tem a ver com sentimentos de ressentimentos contra a instituição escolar.

No tocante ao referencial teórico utilizado, cabe destacar a significativa dificuldade encontrada durante a pesquisa em localizar estudos que tratam do tema “massacres escolares”. Em função disso, os “massacres escolares” foram estudados, na presente pesquisa, a partir da literatura disponível sobre violência escolar. Acerca desse tema é possível destacar diversos autores, como Abromavay (2003), Guimarães (2019), Pires (2015), Sposito (2001), Santos (2002) entre outros.

Resultados e Discussão

Entre as décadas de 1980 e 1990, quando a violência nas escolas é definitivamente considerada como questão de segurança, foi despertado um interesse pela melhor compreensão do fenômeno (SPOSITO, 2001). Segundo Abramovay (2003), as explicações sobre o fenômeno passam pela análise de aspectos relativos ao exterior das escolas e também de aspectos relativos ao interior das escolas. No tocante aos aspectos externos, também chamados de variáveis exógenas, é preciso considerar as características sociais dos diferentes arranjos familiares, a influência dos meios de comunicação, o bairro em que a escola se localiza e as relações raciais. No tocante aos aspectos internos, também chamados de variáveis endógenas, é preciso levar em conta as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, o sistema de punições e o comportamento de professores em relação aos estudantes e à prática educacional em geral.

Nesse sentido, é possível apreender que a violência nas escolas não decorre somente de fatores externos à instituição. Para Guimarães (1999), a escola não é apenas reprodutora da violência social, mas é também produtora de violência institucional. É uma característica das instituições sociais terem sua organização pautada no objetivo de homogeneizar as pessoas e a escola, por ser uma instituição social, não está isenta disso. A disciplina é o principal mecanismo homogeneizador na medida em que

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

submete os indivíduos às mesmas regras e, conseqüentemente, faz com que tenham o mesmo comportamento (GUIMARÃES, 1999). De acordo com Alves (2010), o modelo de escola que se conhece não é para todos, pois, por um lado, capacita os indivíduos, mas por outro, desclassifica e exclui, principalmente os diferentes.

Após o “Massacre de Realengo” foram divulgadas cartas escritas por Wellington Menezes de Oliveira, o autor da chacina (ALVES, 2010). Nelas, é demonstrado que a motivação do crime tem “origem em uma revanche contra uma prática comum nas escolas, que é a de tratar os diferentes de forma ridicularizada, com chacotas e imposições de uma série de limites no convívio diário” (ALVES, 2010, p. 538).

“A fala de Wellington Menezes de Oliveira explicita a revolta sentida contra o sistema ao qual foi exposto: ‘[...] Eu era agredido, humilhado e ridicularizado, [...] mas o que mais me irrita hoje é saber que esse cenário vem se repetindo sem que nada seja feito contra essas pessoas covardes e cruéis’”. (VEJA apud ALVES, 2010, p. 546).

É possível identificar, nesse sentido, uma dificuldade da instituição escolar em lidar de maneira eficiente com a diferença. O que acontece, contudo, é que a não-aceitação da diferença acaba por gerar resistências e dar margem para a aparição da violência contestadora. (GUIMARÃES, 1999).

A violência escolar é realizada tanto por aqueles que detêm o poder quanto pelos que estão submetidos a ele. No primeiro caso, temos a violência institucional, e, no segundo, a violência contestadora, realizada pelas vítimas da violência original, fundadora, que é justamente a primeira (VIANA apud PIREZ, 2015, p. 1).

É possível, nesse sentido, apreender que os “massacres escolares” tem como uma de suas motivações possíveis a necessidade de responder à violência institucional sofrida. A escola, como as demais instituições disciplinares, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais (GUIMARÃES, 2016). Contudo, apesar de possuir o poder de dominação através da disciplina, a escola é atravessada por formas de resistência. O princípio da homogeneização não é aplicado tranquilamente sobre os indivíduos, pois repousa sobre a inquietação de diferentes grupos. Com isso,

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

sentimentos são represados e podem explodir sob formas de violência (GUIMARÃES, 2016).

Atos de violência praticados por alunos nas escolas constituem respostas ao controle homogeneizador (GUIMARÃES, 2019). A tentativa, por parte da instituição escolar, de eliminação de atos de violência instala uma tensão que, quando tem sua expressão impedida, pode ser transformada em uma violência tão desenfreada que nenhum aparelho repressor é capaz de conter - como é o caso dos “massacres escolares”. Por isso, segundo Guimarães (2019) a negociação é necessária para o controle da violência. Para a autora, a violência contestatória, quando não negociada, pode assumir formas mais graves que trazem à tona tudo o que foi rejeitado.

Conclusões

A análise dos documentos deixados por Wellington Menezes de Oliveira revelam um sentimento de descontentamento em relação à instituição escolar. O autor do “massacre escolar” expressa a sua revolta contra uma prática que acaba por ser naturalizada no cotidiano escolar: a dificuldade em lidar com as diferenças. A característica da instituição escolar de homogeneizar os estudantes para um efetivo controle sobre os seus comportamentos acaba por violentar aqueles que não se encaixam em um padrão normalizador. Assim, a escola, quando não abre espaço para a manifestação da diferença comete uma violência contra o considerado diferente em relação aos demais.

O caráter homogeneizador da escola, contudo, repousa sobre resistências. Os estudantes não aceitam de maneira passiva a imposição de mecanismos disciplinares com fins de igualar as condutas. É nesse contexto que se manifesta a violência contestatória, isto é, uma resposta violenta à também violenta tentativa de homogeneização feita pela escola. Quando atos de violência contestatória não são tratados no âmbito da negociação, mas se tornam alvo de eliminação sem diálogo, acabam por não ser eliminados e podem se manifestar de modos indesejáveis. A partir da revisão bibliográfica se verificou que a violência contestatória não é incomum. Muitos são os casos de revanche contra a instituição escolar. Nesse sentido, é possível apreender que

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

os “massacres escolares” também podem ser compreendidos como uma revanche contra a escola. A instituição escolar, portanto, tem parcela de responsabilidade pelas tragédias em função do modo como está estruturada.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Brasil, Rede Pitágoras, 2003.

BATISTA, Fabio; BACCON, Ana; GABRIEL, Fábio. **Pensar a escola a partir de Foucault: uma instituição disciplinar em crise?** Inter-Ação,, Goiânia, v. 40, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2015.

CARNEIRO, Júlia. **Massacre em Suzano: 'Senti os tiros de novo', diz sobrevivente de escola em Realengo que tem bala alojada perto do coração**. Rio de Janeiro: BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47596524>. Acesso em 28 set. 2019.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. tradução Beatriz de Almeida Magalhães. 1a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4a. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Áurea. **Novos regimes de ver, ouvir e sentir afetam a vida escolar**. Educação, Santa Maria, v. 35, nº. 3, p. 413-430, set./dez. 2010.

GUIMARÃES, Áurea. **Escola: espaço de violência e indisciplina**. Revista eletrônica: nas Redes da Educação, UNICAMP, art. 02. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/guima.html>> Acesso em: jul. 2019.

GUIMARÃES, Áurea. **Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola**. In: AQUINO, Julio. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2016.

GUIRADO, Marlene. **Poder disciplinar: os surpreendentes rumos da relação de poder**. In: AQUINO, Julio. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2016.

JUCÁ, BEATRIZ. **Saúde mental dos estudantes, mais um desafio para as escolas brasileiras**. São Paulo: El País, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/18/politica/1552928918_526670.html. Acesso em: 28 set. 2019.

PIRES, João. **A problemática da violência no espaço escolar: alguns apontamentos conceituais**. In: XVI Semana da educação: desafios atuais para a educação e VI Simpósio de pesquisa e pós-graduação em Educação,

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS
2015, Londrina. XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação, 2015. p. 1-12.

SANTOS, José dos. **A violência na escola, uma questão social global.** In: Violencia, sociedad y justicia en América Latina. Buenos Aires: CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), 2002.

SILVA, Joyce; SALLES, Leila. **A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção.** Educar em Revista, Editora UFPR: Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010.

SPOSITO, Marília. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, nº. 1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

SPOSITO, Marília. **A instituição escolar e a violência.** Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, n. 104, jul./1998: 58-75.

TEDESCHI, Sirley; PAVAN, Ruth. **A produção de subjetividades na escola: uma reflexão sobre o poder disciplinar no contexto escolar.** Quaestio, Sorocaba, SP, v. 19, n. 1, p. 181-196, abr. 2017.

TRAGTENBERG, Maurício. **Relações de poder na escola.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 7, n. 20, p. 40-45, jan./abr. 1985.